

ZERO HORA E A CONSTRUÇÃO DO CONSENSO SOBRE A MONOCULTURA DE SOJA NO RIO GRANDE DO SUL: uma Análise Crítica de Discurso.

Fernando Nichterwitz Scherer y Rafael Kruter Flores.

Cita:

Fernando Nichterwitz Scherer y Rafael Kruter Flores (2017). *ZERO HORA E A CONSTRUÇÃO DO CONSENSO SOBRE A MONOCULTURA DE SOJA NO RIO GRANDE DO SUL: uma Análise Crítica de Discurso*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/927>

ZERO HORA E A CONSTRUÇÃO DO CONSENSO SOBRE A MONOCULTURA DE SOJA NO RIO GRANDE DO SUL: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE DISCURSO

Fernando Nichterwitz Scherer

Rafael Kruter Flores

INTRODUÇÃO

Nos cinco primeiros meses de 2014, o valor das exportações brasileiras da soja em grão ultrapassou o das exportações de minério de ferro, representando 13,9% das vendas externas do Brasil e assumindo o posto de principal produto de exportação (SOJA EM GRÃO..., 2014). Somam-se a isso os valores da exportação de outros subprodutos da oleaginosa, como óleo e farelo. De acordo com dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o complexo da soja (grão, farelo e óleo) é o principal gerador de divisas do país com negociações anuais que ultrapassam US\$ 20 bilhões (BRASIL, 2015). Em 2019, a produção nacional deve representar 40% do comércio mundial do grão e 73% do óleo de soja (BRASIL, 2015). A produção de soja no estado do Rio Grande do Sul (Brasil), na safra de 2016/2017, foi de aproximadamente 18,7 milhões de toneladas. Somente no estado, terceiro maior produtor de soja dentre as unidades federativas da união, a área ocupada pelo plantio da oleaginosa foi de mais de 5,5 milhões de hectares (CONAB, 2017), o que representa um crescimento de aproximadamente 25% em relação à área ocupada no ano de 2010. Em janeiro de 2017, as exportações gaúchas somaram US\$ 1,075 bilhão de dólares, apresentando um acréscimo de US\$ 263,3 milhões em relação ao mesmo mês do ano anterior (RIO GRANDE DO SUL, 2017).

Para além de seu aparente êxito econômico, a presença e expansão do modelo agroexportador da soja no estado do Rio Grande do Sul (e no Brasil) vêm enfrentando questionamentos e críticas por parte de diversos setores da sociedade que denunciam suas controversas consequências sociais, ambientais e para a saúde humana (PIGNATI e MACHADO, 2007; VILADESAU, 2008; MENTEN, 2009; SAUER, 2010; O VENENO..., 2011; MOREIRA, 2012). Dentre os aspectos que merecem destaque, está a utilização deliberada de agrotóxicos que é potencializada pelos Organismos Geneticamente Modificados (OGMs) e pelo arranjo de produção monocultor. Nas monoculturas de soja, as aplicações de venenos e pesticidas somam, em média, de 10 a 12 litros por hectare. Menten (2009) revela que aproximadamente 45% do total de agrotóxicos utilizados no Brasil são aplicados em lavouras de soja. Sauer (2010) denuncia a forma como a flexibilização dos limites máximos de resíduos de agrotóxicos tolerados legalmente se relaciona ao fato de que o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo.

Em termos de impactos ambientais, a contaminação da água e do solo provocada pelo emprego

de agroquímicos está entre as maiores preocupações. Os agrotóxicos utilizados nas lavouras de soja penetram o solo e a água e dissipam-se pelo ar: resíduos de glifosato, por exemplo, foram encontrados em poços artesianos (PIGNATI e MACHADO, 2012). O vídeo documentário “O Veneno Está na Mesa”, de Silvio Tendler (2011), traz diversos relatos de trabalhadores brasileiros com infecções crônicas ou agudas provocadas pelo contato direto com herbicidas ou coquetéis químicos nas plantações. No âmbito social, os impactos do avanço do agronegócio da soja se manifestam através da expulsão de diversas famílias de trabalhadores rurais do campo, da concentração da posse da terra, da inserção de pequenos produtores na cadeia produtiva do agronegócio em situação de desvantagem, na crescente dependência de insumos importados, e no aumento do preço das terras (VILADESAU, 2008; SAUER, 2010). Viladesau (2008) revela que, além dos componentes ambiental e social, há um componente político nas transformações provocadas pelo modelo produtivo do agronegócio: o crescente emprego da biotecnologia na agricultura expropria o saber técnico dos produtores, que se tornam dependentes da tecnologia em domínio de multinacionais.

Conforme as variadas consequências e repercussões do agronegócio apresentadas até aqui indicam, a opção estratégica pelo modelo de monocultura para a exportação é um tema controverso, recortado por nuances e conflitos de diferentes naturezas. No entanto, a legitimidade dos incentivos concedidos ao modelo agroexportador vem sendo defendida a partir da construção de um consenso.

O presente trabalho visa compreender aspectos textuais e discursivos da atuação da mídia corporativa, representada pelo jornal Zero Hora (ZH), na construção deste consenso. É adotada a proposta teórico-metodológica da Análise Crítica de Discurso (FAIRCLOUGH, 1995; 2001) considerando que as ações discursivas são fundamentais na constituição e na sustentação das relações de poder. A proposta assume três níveis complementares de análise de discurso: micro (ou textual), macro (ou da prática discursiva), e da prática social. Os procedimentos teórico-metodológicos do trabalho incluem a seleção do corpus de análise, orientada pela identificação de dois pontos críticos do período analisado, a contextualização desses recortes estabelecidos e a descrição dos procedimentos e categorias de análise textual e discursiva. A análise da prática social, por sua vez, tem como objetivo “especificar a natureza da prática social da qual a prática discursiva é uma parte, constituindo a base para explicar porque a prática discursiva é como é; e os efeitos da prática discursiva sobre a prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 289). Nesse sentido, as categorias para análise da prática social não podem ser simplesmente listadas, devendo ser “consideradas somente como uma orientação aproximada” (2001, p. 289).

DESENVOLVIMENTO

A análise textual (nível micro) foi centralizada nas categorias transitividade, modalidade e no uso de metáforas. Transitividade “lida com os tipos de processos que são codificados em orações e com os tipos de participantes (elementos em orações) envolvidos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 221). Existem dois tipos de processos principais: quando o verbo marca uma relação entre os participantes, e processos de ação, quando um agente age ao encontro de um objetivo. Outra característica importante da transitividade, em termos da realização desse trabalho, é o grau de nominalização nos textos; ou seja, em que grau os processos são convertidos em nomes. Através da modalidade, o autor expressa o grau de afinidade com o enunciado proposicional. A modalidade pode ser expressa de forma objetiva, onde o grau de afinidade do sujeito com a proposição não está claramente definido, ou de forma subjetiva, quando essa relação é manifesta. Por sua vez, o uso de metáforas está intimamente associado às categorias anteriores. A análise se propôs a caracterizar as metáforas usadas na amostra discursiva e identificar que fatores ideológicos determinaram sua utilização.

No nível macro, a análise procurou compreender aspectos da intertextualidade manifesta do corpus de análise. A intenção é identificar o que outros textos estão delineando na constituição da amostra que está sendo analisada e de que forma isso ocorre. Para isso, foram selecionadas a representação discursiva e as pressuposições como categorias de análise. Representações discursivas são representações das diferentes 'vozes' de um texto e podem se apresentar de forma direta ou indireta e estar contextualizadas de diferentes formas no discurso representador. Já as pressuposições são proposições tomadas como dadas pelo texto, ou como já estabelecidas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 156).

A análise foi feita em diálogo com os textos selecionados, fundamentada no referencial teórico-metodológico da ACD e orientada pelas categorias de análise apresentadas acima. A seleção do corpus de análise teve como principal critério a identificação de pontos críticos (FAIRCLOUGH, 2001). Foram identificados dois pontos críticos no período entre os anos 2000 e 2015. O primeiro ponto crítico diz respeito ao período entre 2003 e 2005, momento em que ocorreram as disputas políticas que culminaram na legalização do plantio de Organismos Geneticamente Modificados (OGMs) em escala comercial. Foram selecionados para o corpus de análise dois textos que abordam o tema direta e indiretamente (MARCHEZAN, 2004; CASTRO, 2005).

No texto intitulado “Alta do petróleo encarece lavoura de soja no Rio Grande do Sul: custos de produção no plantio que se inicia são superiores aos de 2003” (MARQUEZAN, 2004), as categorias de análise selecionadas elucidam aspectos importantes presentes desde o título da matéria. A nominalização da alta do petróleo transforma-a em agente que 'encarece' a lavoura, servindo como recurso para pôr o processo, em si, como algo naturalizado (FAIRCLOUGH, 2001). Outras nominalizações como ‘produtividade’ também são parte da construção do argumento. O discurso de

ZH assume como pressuposto um determinismo da relação entre os custos de produção agrícola e o preço do petróleo, pressuposto que é reforçado em outras oportunidades ao longo do texto. Os dados são apresentados no presente do indicativo, de forma afirmativa, o que indica o uso de uma modalidade bastante objetiva. O texto coloca os agricultores em segundo plano, objetificando-os através do uso da voz passiva. Suas dificuldades são expressas pela metáfora do aperto de contas, o que suaviza a condição de dificuldade em que se encontram. Em primeiro plano aparecem as escolhas de representação discursiva de responsáveis técnicos, cujos dizeres são trazidos como verdades absolutas pelo autor, sempre em frases afirmativas e com verbos como ‘explica’ – o que indica um alto grau de afinidade entre a voz dos representados e a do autor. A análise identificou que o autor procura dispor o texto na linguagem dos próprios representados.

O segundo texto selecionado, “É preciso fazer teste de vigor e germinação” (CASTRO, 2005) é publicado logo após a definitiva legalização da produção de sementes de soja geneticamente modificadas em escala comercial. O presente do indicativo (é) divide espaço com construções que utilizam verbos auxiliares modais e outros recursos linguísticos, indicando uma modalidade extremamente objetiva. ‘Qualidade’ e ‘produtividade’ aparecem como nominalizações de destaque na construção do texto. São pressupostas como características ou propriedades das sementes certificadas. Os agricultores deixam a posição de objeto em que são retratados no primeiro texto e assumem o papel de agentes. Isso está associado ao tom prescritivo da matéria e não a um possível papel de destaque que lhes poderia ser concedido no argumento, conforme podemos ver no trecho: “esperamos que o agricultor entenda que a segurança dele está na compra de um produto legal pelo menos de uma parte, para que ele possa reiniciar o processo da legalidade no Estado – diz” (CASTRO, 2005). A postura técnica, a centralidade das nominalizações e o alto grau de afinidade entre a voz de ZH e as articulações se mantém, evidenciando a mesma tecnicização do discurso como um instrumento de legitimação da universalização da perspectiva adotada por ZH. A recomendação é retomar o processo de legalidade no estado a partir da compra de sementes transgênicas certificadas produzidas pela Monsanto.

A análise dos textos selecionados no primeiro ponto crítico indica os principais recursos discursivos na atuação de ZH em prol da legalização dos OGMs. De um lado, a adoção de uma postura tecnicista que universaliza as perspectivas adotadas em um esforço para legitimar a construção de uma posição supostamente neutra e imparcial. Essa postura exclui aqueles que não dialogam com a ordem do discurso técnico, mistificando o discurso e possibilitando a omissão dos pressupostos políticos e ideológicos (FAIRCLOUGH, 2001). De outro, atua na construção de uma metáfora que opõe o urbano e moderno ao atrasado e rural em um discurso modernizador - vinculado a categorias como a 'produtividade' a 'segurança' e a 'qualidade' - que omite os aspectos conservadores dessa modernização, denunciados por Sauer (2010) e Viladesau (2008). Reproduzimos abaixo um quadro

(Quadro 1) com a síntese das análises que levaram ao primeiro ponto crítico, a partir das categorias da ACD.

Quadro 1 - Quadro síntese dos resultados referentes às categorias de análise obtidos na ACD dos textos 1 e 2

Categorias de Análise	Foco de análise	Síntese dos resultados
Transitividade	Processos e participantes favorecidos:	Participantes de cargos técnicos amplamente favorecidos. Alta do petróleo e busca por produtividade são processos favorecidos pela transitividade.
	Escolhas de voz:	Predominantemente ativa para os representados.
	Importância das nominalizações:	Nominalizações como produtividade e qualidade são centrais na construção do argumento. Grande quantidade de nominalizações indica inserção dos textos na ordem do discurso técnico.
Modalidade	Grau de afinidade entre as proposições e a voz do texto:	Alto grau de afinidade. Predominância de frases afirmativas.
	Modalidades objetivas?	Sim.
Metáforas	Principais construções metafóricas:	Metáfora da modernização do campo e construção da contraposição do rural e atrasado ao moderno e urbano; metáfora do aperto de contas suavizando as dificuldades dos agricultores.
	Fatores ideológicos que determinam a utilização das metáforas:	Legitimação da legalização dos OGMs.
Representações Discursivas	Representações claramente demarcadas?	Predominantemente bem demarcadas.
	Voz dos representados é traduzida na voz do representador?	Não. A voz do representador se apropria da linguagem dos representados.
Pressuposições	Principais pressuposições:	Determinismo da relação entre o custo do petróleo e os custos das lavouras de soja; qualidade, segurança e produtividade como propriedades das sementes certificadas; atraso no processo de legalização dos OGMs.
	Pressuposições manipulativas?	Sim.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O segundo ponto crítico identificado foi o ano de 2015, período em que houve um acirramento na disputa pelo significado atribuído às monoculturas de soja no RS. Foram selecionados outros dois textos para a composição do corpus de análise, textos que, em especial, traziam de forma explícita a suposta importância econômica da soja para o estado (COLUSSI, 2015a; COLUSSI, 2015b). Ambas as amostras compõem o caderno ‘Especial Soja’, publicação de caráter extraordinário lançada por ZH no dia 14 de abril de 2015.

O terceiro texto, “Maré dourada que avança fortalecida no Rio Grande do Sul” (COLUSSI, 2015a), trata o avanço dos monocultivos de soja como uma ‘maré dourada’ em alusão ao ouro. O próprio avanço é naturalizado ao ser posto metaforicamente como uma ‘maré’. No texto, ZH promove a metáfora da unificação do estado através da expansão dos monocultivos de soja, cuja extensão ocupou mais de cinco milhões de hectares no estado na safra de 2015/2016. O sentido de união é

reiterado em quatro recortes distintos: as diferentes paisagens e condições do campo gaúcho, as diferentes áreas das propriedades rurais em sua classificação legal (pequenas, médias e grandes), o número de municípios que contam com a presença dos monocultivos, e as diferentes localizações geográficas (Norte a Sul, em um sentido de totalidade). O massivo volume de soja produzida no estado, no entanto, é relacionado à alta produtividade das lavouras gaúchas e não à extensão das lavouras dedicadas ao plantio. Daí surge outra nominalização importante, o termo ‘supersafra’, que aparece no subtítulo. O alto grau de afinidade com as colocações dos técnicos e gestores é reforçado pela modalidade objetiva, com a ausência de recursos linguísticos que sirvam como auxiliares modais. A voz retrata a soja de modo ativo, ‘respondendo’ por metade do volume colhido nas lavouras gaúchas em 2015.

O Texto 4 eleva o agricultor, personificado através da representação da família Roesler, ao papel de protagonista. A narrativa reforça as estratégias de construção do consenso do discurso de ZH do texto 3: a construção metafórica de um sentido de união dos interesses em torno dos monocultivos de soja e o retrato da soja como principal riqueza do campo. A escolha da família como unidade de representação discursiva é emblemática. Seu primeiro efeito é harmonizar as controvérsias entre a agricultura familiar e os interesses do agronegócio. Soma-se ao esforço discursivo do Texto 3, em uma construção que desvincula a expansão do modelo hegemônico do contexto da propriedade da terra em que se insere. O tema central do texto segue sendo a alta produtividade das lavouras gaúchas e suas supostas relações de causa e efeito. O destaque à produtividade é concedido através de um conjunto de recursos textuais e linguísticos. A modalidade indica alto grau de afinidade entre a voz do texto e as proposições técnicas expostas, que são universalizadas pela ausência de auxiliares modais que relativizem as afirmações do texto. Ao tratar a produtividade em voz ativa, o texto põe o processo de aumento da produção de soja em segundo plano. A escolha de voz auxilia essa construção, na medida em que retrata o potencial produtivo em voz ativa; e os institutos de pesquisa, retratados em voz passiva, passam quase despercebidos. Ao elevar o agricultor ao papel de protagonista da reportagem, porém, ZH obriga-se a representar um grupo social que não dialoga na ordem do discurso técnico. Nesse sentido, o discurso da mídia corporativa traduz as representações discursivas dos trabalhadores para a voz do discurso representador, afastando-se e, quando preciso, contrapondo-se às falas desses agentes.

Uma análise conjunta dos textos 3 e 4 evidencia alguns dos principais recursos textuais e discursivos da mídia corporativa na construção do consenso sobre a agricultura da soja no Rio Grande do Sul. Em um contexto de estabilidade na expansão dos monocultivos de soja no estado, atua de forma a ressignificar a atividade, legitimando e exaltando sua expansão. Nessa nova fase da disputa hegemônica pelo modelo de produção no campo, para além dos aspectos já observados na análise do

primeiro ponto crítico, o discurso da mídia corporativa é pautado na exaltação da soja como a grande riqueza gaúcha e na construção de um sentido de unidade promovido pelo avanço da monocultura de soja no estado, que suprime e desvincula o papel da luta pela terra como lócus de articulação da resistência ao modelo hegemônico. Segue abaixo quadro síntese das análises que levaram ao segundo ponto crítico.

Quadro 2 - Quadro síntese dos resultados referentes às categorias de análise obtidos na ACD dos textos 3 e 4

Categorias de Análise	Foco de análise	Síntese dos resultados
Transitividade	Processos e participantes favorecidos:	Participantes de cargos técnicos e família de agricultores, como unidade de representação, favorecidos. Aumento da produtividade e da rentabilidade das lavouras são processos favorecidos.
	Escolhas de voz:	Predominantemente ativa para os representados. Produtividade e qualidade aparecem majoritariamente em voz ativa.
	Importância das nominalizações:	Nominalizações são centrais na construção do argumento. Alto número de nominalizações indica inserção dos textos na ordem do discurso técnico.
Modalidade	Grau de afinidade entre as proposições e a voz do texto:	Alto grau de afinidade com as proposições técnicas. Afinidade negativa com a proposição do membro da família de agricultores. Predominância de frases afirmativas.
	Modalidades objetivas?	Sim.
Metáforas	Principais construções metafóricas:	Metáforas do ouro; do avanço da soja como maré; da unificação dos interesses dos gaúchos; e do avanço das monoculturas da soja como progresso.
	Fatores ideológicos que determinam a utilização das metáforas:	Legitimação da expansão das monoculturas de soja no RS.
Representações Discursivas	Representações claramente demarcadas?	Predominantemente bem demarcadas.
	Voz dos representados é traduzida na voz do representador?	Não. A exceção é a participação da família Roesler, cujo discurso é traduzido na voz do discurso representador.
Pressuposições	Principais pressuposições:	Relação entre o emprego da tecnologia e o aumento da produção; repartição dos benefícios do avanço do agronegócio entre os diferentes setores e camadas da sociedade; equiparação dos resultados em pequenas e grandes propriedades.
	Pressuposições manipulativas?	Sim.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para que possamos compreender o discurso do jornal ZH sobre a presença e a expansão da monocultura de soja no Rio Grande do Sul (RS), é preciso entender de que forma esse discurso está relacionado à prática desse veículo de mídia corporativa. A visão tridimensional do discurso em Fairclough (1995) requer que sejam tomados o texto, a prática discursiva e a prática social de forma simultânea, como três dimensões indissociáveis. Faz-se necessário considerar a relação dialética entre o discurso e os elementos da vida social. Assim, não podemos tomar o discurso que procura construir

um consenso em torno do agronegócio da soja no estado como um fim em si mesmo. Isso significa assumir que a prática discursiva só pode ser criticamente analisada tomando-se como base explicativa a prática social da qual ela emerge (FAIRCLOUGH, 2001). Da mesma forma, não se trata de tomar o discurso em análise meramente como um discurso vazio, falso e, nesse sentido, desprovido de materialidade. Ao contrário, devemos tomar esse discurso em unidade dialética com a prática social da qual ele emerge e para a qual sempre retorna (FAIRCLOUGH, 2001). Os elementos da vida social moldam o discurso; mas também são moldados por esse na medida em que a prática discursiva atua como mediação das formas de compreensão e interpretação do mundo. O discurso pode ser entendido como um momento da prática social e, nesse sentido, incorpora como propriedades suas as relações de poder e de solidariedade dessa prática. “Discurso é o uso da linguagem visto como uma forma de prática social” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 7).

Portanto, é preciso compreender que o discurso que contrapõe o moderno e o urbano ao rural e atrasado, ressignificando o avanço das monoculturas no estado como o progresso no campo, é concebido a partir (e de dentro) da prática social de ZH. Trata-se do que Viladesau (2008) denuncia como um discurso tecnicista, em que argumentos e pareceres técnicos são utilizados em uma construção discursiva que se fundamenta em uma suposta neutralidade da ciência para legitimar a legalização dos OGMs e a presença e a expansão das monoculturas no estado. Desse modo, o peso político, social e ambiental do modelo de produção baseado na monocultura é mascarado por elementos técnicos como 'produtividade', 'modernização' e 'expansão' do setor agrícola. Nesse sentido, entendemos o discurso que produz o consenso sobre o agronegócio da soja como sendo um momento da prática social de ZH. Não é o caso, neste trabalho, de se deter na explicação do caráter conservador da prática social do jornal ZH – caráter esse que se apresenta em suas páginas diárias nas reportagens sobre os mais variados temas. Outros estudos já demonstraram que os interesses da mídia corporativa – que não compreende apenas a ZH – se alinham aos interesses daqueles que a financiam¹. É dessa prática social conservadora que emerge o discurso de produção do consenso sobre as monoculturas de soja no RS. Trata-se de um veículo de mídia a serviço do capital que, à sua maneira, impulsiona o extrativismo² e contribui para a manutenção do *status quo* e para aprofundamento das formas de relações sociais tipicamente capitalistas no campo e de suas consequências – processo que, conforme Viladesau (2008), é intensificado na presença dos monocultivos voltados para a exportação.

¹ Misoczky e Ferreira (2005), por exemplo, identificaram a ZH como um jornal conservador. Já Moisés Mendes, ex-redator do jornal ZH, afirma que na Zero Hora, a opção pelo que chama de ultraconservadorismo seria impressionante (PAULO HERBMULLER, 2017). No mesmo sentido, Felippi (2006, p. 27) argumenta que “a identidade gaúcha construída por Zero Hora é conservadora, filiada a um projeto político conservador de Estado-nação”.

² Entendemos extrativismo no sentido dado por Gudynas (2015, p. 13) como “um tipo de extração de recursos naturais, em grande volume ou alta intensidade, e que estão orientados essencialmente a ser exportados como matérias-primas sem processar, ou com um processamento mínimo”.

CONCLUSÃO

Esse estudo elucidada a forma pela qual a prática social conservadora de ZH se manifesta discursivamente no que diz respeito à monocultura de soja. Em outras palavras, analisa de que forma se apresenta o discurso aliado aos interesses dos latifundiários, das empresas de biotecnologia e às instâncias de representação do governo federal responsáveis por conceber, em forma de lei, as demandas dessa classe. Por mais paradoxal que possa parecer, tal discurso, como mostra a análise realizada, está alicerçado em uma concepção tecnicista que, ao adotar uma perspectiva supostamente neutra e científica, valoriza o crescimento das monoculturas como avanço e progresso do campo gaúcho. O maciço emprego de capital e de biotecnologia e o conseqüente aumento da produtividade das lavouras de soja nos últimos anos são costurados como evidências do progresso do agronegócio, através de um discurso vinculado a uma prática social orientada para a manutenção, conservação e ampliação das condições necessárias à reprodução do capital extrativista.

Em seu caminho inverso, no que diz respeito à função que cumpre em seu retorno à prática social (FAIRCLOUGH, 1995), o discurso de ZH ressignifica e reinterpreta o conservadorismo do qual emerge e, nesse sentido, consiste em instância da própria prática social do veículo (FAIRCLOUGH, 1995). Dessa forma, o avanço da monocultura de soja, que atende aos interesses específicos daqueles que financiam o jornal, aparece como a realização dos interesses de todos os gaúchos, ou seja, aparece como consenso. Em detrimento dos modos de vida típicos do campo, são naturalizadas as relações sociais capitalistas do agronegócio através de uma explicação técnica fundamentada em categorias como 'eficiência', 'modernização' e 'produtividade' e em pressupostos econômicos. O presente estudo evidencia que o conservadorismo de ZH é mediado por um discurso de aparência progressista. A presença e a expansão das monoculturas de soja no estado são tratados como modernização do campo gaúcho e, com isso, o avanço do emprego da biotecnologia e com o aumento da produção da soja e seus derivados passam a ser exaltados como indicativos e evidências desse processo.

No primeiro ponto crítico analisado, o discurso de ZH atua de forma a legitimar as determinações legais do Governo Federal que abrem o caminho para a expansão do agronegócio e para a presença das grandes multinacionais do setor de biotecnologia nas lavouras gaúchas. Nesse momento, ZH ancora seu discurso na já referida perspectiva tecnicista, usando como aporte para sua construção discursiva o sistema de crenças em torno do positivismo científico, esforçando-se para legitimar o emprego de biotecnologia nas lavouras gaúchas. Uma vez liberada a entrada dos organismos geneticamente modificados no país e flexibilizadas as condições de uso deliberado de venenos agrotóxicos; e tendo sido atendidos os interesses dos setores que financiam o jornal, o tema paulatinamente perde relevância nas suas páginas.

No segundo ponto crítico, em um período em que muitas das denúncias das contraditórias consequências da presença e expansão das monoculturas são sintetizadas no dossiê ABRASCO (CARNEIRO, et al. 2015), ZH atua de forma a naturalizar essa expansão já consolidada e as relações sociais que se estabelecem no campo a partir disso. Nessa nova fase, o discurso é pautado na exaltação da soja como a grande riqueza gaúcha e na construção de um sentido de unidade promovido pelo avanço da monocultura de soja no estado. A soja é então posta como a grande riqueza dos gaúchos em uma construção que silencia os efeitos sociais extremamente contraditórios da presença de monoculturas no estado, desvinculando a questão dos latifúndios da luta pela terra e ignorando a questão fundiária como sendo uma questão historicamente problemática no país. Em ambos os casos, o discurso atua no sentido de produzir e reproduzir as relações de poder vigentes e hegemônicas, só podendo ser explicado à luz de sua relação com a prática social conservadora de ZH.

“As representações e construções particulares do mundo são instrumentais e tomam papel importante na reprodução da dominação” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 17). É dessa forma que o discurso que se propõe a construir um consenso em torno do agronegócio da soja no RS encontra, como toda ideologia, sua função social – que, é importante reforçar, está imersa na prática social de ZH. Para Fairclough (1995, p. 18), “identificar que um evento discursivo funciona de maneira ideológica não significa, em primeira instância, identificar o discurso como falso, ou reivindicar uma posição privilegiada da qual o julgamento do que seja verdadeiro ou falso possa ser feito. Significa identificar que o evento discursivo contribui para a reprodução das relações de poder”. É nesse sentido que podemos afirmar o discurso de ZH como ideológico. Trata-se de um discurso que silencia e omite importantes consequências econômicas, ambientais e sociais inerentes ao extrativismo; atuando de forma decisiva na luta social que se relaciona ao modelo de produção no campo. O papel de ZH (e da mídia corporativa, em âmbito mais geral) nessa construção se soma ao papel dos latifundiários e seus representantes, ao *lobby* das multinacionais do setor de biotecnologia e ao discurso das instâncias de representação do Governo Federal, e contribui para a submissão e a exploração dos trabalhadores do campo e da natureza.

A partir do conceito de hegemonia em Gramsci (2006; 2011), podemos compreender de que forma a produção de um consenso atua no exercício do poder, consistindo em fator crucial para a manutenção das relações de poder – é justamente essa a função prática do discurso de ZH sobre a soja que remete à asserção feita por Fairclough (2001, p. 116) de que a ideologia “tem existência material nas práticas das instituições”. Em Gramsci (2006; 2011), hegemonia é tanto liderança quanto dominação nos campos cultural, ideológico, político etc.; é o poder de uma classe economicamente definida sobre a sociedade como um todo; é a construção de alianças – muito antes a integração do que simplesmente a dominação de classes; é um foco de constante luta que incide, sobretudo, nos

pontos de maior instabilidade entre classes e blocos sociais. O termo consenso, nesse trabalho, é compreendido à luz da teoria gramsciana. O exercício da hegemonia caracteriza-se "pela combinação da força e do consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso, mas, ao contrário, tentando fazer com que a força pareça apoiada no consenso da maioria" (GRAMSCI, 2011, p. 95). Ao atuar simultaneamente como liderança e dominação, a hegemonia impõe a classes subalternas o aparato de interpretação da realidade fundamentado na concepção hegemônica. Nesse sentido, o discurso de ZH é tomado como ideologia por apresentar uma função prática que não pode ser dissociada das relações sociais de poder das quais emerge (FAIRCLOUGH, 1995). Como ideologia, o discurso de ZH interpela os sujeitos, lhes apresentando a presença e a expansão das monoculturas como uma prática de interesse comum dos gaúchos, consistindo, assim, em um aparato de interpretação da realidade que atende a interesses específicos da classe dominante.

O estudo realizado explicita alguns dos mecanismos textuais e discursivos utilizados na construção do consenso sobre a monocultura da soja no RS, sintetizados nos Quadros 1 e 2, relacionando-os ao papel prático que a mídia corporativa assume. Essa construção, porém, não pode ser desvinculada de seu contexto mais amplo. Nesse âmbito, é preciso considerar a dinâmica global do capitalismo, que impõe a países como o Brasil o papel de exportador de commodities. Dessa forma, a análise da construção do consenso do agronegócio precisa ser relacionada a uma explicação teórica que contextualize e dimensione as relações de dependência dos países periféricos e que ofereça um aporte conceitual para a articulação dos focos de resistência ao modelo hegemônico, inseridos em um contexto de luta pela propriedade da terra.

Referências:

BRASIL. República Federativa do Brasil. Companhia Nacional de Abastecimento. **Séries**

Históricas: Soja, 2015a. Disponível em:

<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1252&t=2&Pagina_objcmsconteudos=3#A_objc>.

Acesso em: 21 out. 2017

BRASIL. República Federativa do Brasil. Ministério da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento.

Soja. **Culturas**. 2015. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/vegetal/culturas/soja>>.

Acesso em: 28 mar. 2015.

CARNEIRO, F. F. et. al. (Org.). **Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015. Disponível em: <http://www.abrasco.org.br/dossieagrototoxicos/wp-content/uploads/2013/10/DossieAbrasco_20>. Acesso em: 1º de maio de 2015.

CASTRO, S. de. É preciso fazer testes de vigor e germinação. **Zero Hora On-line**, Porto Alegre, 8 set. 2005. Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/especiais/jsp/default.jsp?newsID=a220015.htm&template=3837.dw>>. Acesso em: 17 set. 2015.

COLUSSI, J. Família unida pela força do grão. **Zero Hora On-line**, Porto Alegre, 14 abr. 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/campo-e-lavoura/noticia/2015/04/especial-soja-familia-unida-pela-forca-do-grao-4739726.html>>. Acesso em: 2 nov. 2015a.

_____. Maré dourada que avança fortalecida no Rio Grande do Sul. **Zero Hora On-line**, Porto Alegre, 14 abr. 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/campo-e-lavoura/noticia/2015/04/especial-soja-mare-dourada-que-avanca-fortalecida-no-rio-grande-do-sul-4739721.html>>. Acesso em: 2 nov. 2015b.

FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. Londres: Longman, 1995.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001

GUDYNAS, Eduardo. **Extractivismos**. Ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo y la Naturaleza. Cochabamba: CEDIB, 2015.

HERBMULLER, PAULO. O jornalismo fez uma escolha conservadora: entrevista José Mendes. **Carta Capital**, 11 de jan. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-jornalismo-fez-uma-escolha-conservadora>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

MARQUEZAN, I. Alta do petróleo encarece lavoura de soja no Rio Grande do Sul. **Zero Hora On-line**, Porto Alegre, 8 out. 2004. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especiais/jsp/default.jsp?newsID=a691220.htm&template=3847.dwt>>. Acesso em: 21 set. 2015.

MENTEN, José Otavio. **Liderança em tecnologia fitossanitária**. São Paulo: Associação Nacional de Defesa Vegetal, 2009. (Mimeo)

MISOCZKY, M. C.; FERREIRA, C. S. A construção simbólica da definição de governar e de governador realizada pelo jornal Zero Hora nas três últimas eleições gaúchas. **Cad. EBAPE.Br**, Rio de Janeiro, v. 3 n. 4, dez. 2005. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/4943>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

MOREIRA, J. C. et al. Contaminação de águas superficiais e de chuva por agrotóxicos em uma região do estado do Mato Grosso. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 1557-1568, 2012. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csc/v17n6/v17n6a19.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

O VENENO está na mesa. Direção: Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Cinema e Conteúdo, 2011. (50 min). Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cbVG162C0Jw>>. Acesso em: 26 dez. 2015

PIGNATI, W. A; MACHADO, J. M. H. O agronegócio e seus impactos na saúde dos trabalhadores e população do estado de Mato Grosso. In: _____. **Os riscos, agravos e vigilância em saúde no espaço de desenvolvimento do agronegócio no Mato Grosso**. Tese (Doutorado em Ciências na área de Saúde Coletiva) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2007. p. 81-105.

RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Fundação de Economia e Estatística. **Impulsionadas pela soja, exportações gaúchas crescem fortemente em janeiro.** 23 fev. 2017. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/exportacoes/impulsionadas-pela-soja-exportacoes-gauchas-crescem-fortemente-em-janeiro/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

SAUER, S. **Terra e modernidade: a reinvenção do campo brasileiro.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

VILADESAU, T. El agronegocio de la soja em Paraguay: antecedentes e impactos sociales y económicos. In: FERNANDES, B. M. **Campesinato e agronegocio na América Latina: a questão agrária atual.** São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 17-43.

ANEXOS

TEXTO 1

Zero Hora, 08 de outubro de 2004

Alta do petróleo encarece lavoura de soja no Rio Grande do Sul Custos de produção no plantio que se inicia são superiores aos de 2003

Contas mais apertadas aguardam os agricultores ao final da safra 2004/2005. Com custos de produção superiores aos do ano passado e previsão de colheita mais cheia, o cenário que se desenha é preocupante para o produtor de soja, que inicia o plantio nos próximos dias.

A rentabilidade da lavoura, que foi de 60% em média em 2003 e chegou a 40% neste ano, não deve passar de 20% no ano que vem, na análise do diretor técnico da corretora Safras e Mercado, Flávio Roberto de França Junior.

Isso porque os custos de produção da oleaginosa no último ano aumentaram cerca de 20%, enquanto o preço da saca de 60 quilos se mantém no mesmo patamar de um ano atrás – entre R\$ 32 e R\$ 38 – , sem descontar a inflação, segundo a Federação das Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul (Fecoagro).

O diretor comercial da Cooperativa Tritícola Mista do Alto Jacuí (Cotrijal), Irmfried Schmiedt, vai mais longe. O dirigente afirma que o custo de produção da soja passou de 10 sacas por hectare para até 20 sacas por hectare (aproximadamente R\$ 700 em valores de hoje).

O analista de mercado Antonio Sartori, diretor da corretora Brasoja, sustenta que o preço atual da soja é o mais baixo dos últimos dois anos. Em maio, a saca chegou a R\$ 52, a maior cotação em 18 anos, e despencou 30% desde então.

Alie-se a isso a colheita nos Estados Unidos, que deve totalizar 77,2 milhões de toneladas de soja, e a perspectiva de produzir quase 10 milhões de toneladas no Rio Grande do Sul (ante 5,8 milhões de toneladas colhidas na última safra), e fica claro que a lei da oferta e da procura não permite projeções otimistas.

– A única válvula de saída é a produtividade. Se houver quebra de safra, será desastroso – avisa França Júnior.

Os itens de maior peso são os adubos e fertilizantes, que subiram até 30%. Produzidos com matéria-prima importada e derivada de petróleo, representam 20% dos custos totais da lavoura de soja e 22% no caso do milho, segundo a Fecoagro. O presidente do Sindicato da Indústria de Adubos do Rio Grande do Sul (Siargs), Torvaldo Antonio Marzolla Filho, afirma que a matéria-prima aumentou 47% internacionalmente.

Enquanto o Centro-Oeste importa 45% da matéria-prima, o Rio Grande do Sul importa 100% – é mais barato trazer de navio da Rússia do que de caminhão do Paraná. Além do impacto do aumento do petróleo sobre parte dos componentes – os nitrogenados –, a indústria de fertilizantes está arcando com o custo do frete, que conforme Marzolla, triplicou desde o início da guerra no Iraque. Marzolla diz que o transporte marítimo passou de US\$ 10 para US\$ 30 por tonelada/dia.

É das matérias-primas a culpa do aumento de 60% no preço do maquinário agrícola. Segundo o presidente do Sindicato da Indústria de Máquinas e Implementos Agrícolas do Estado (Simers),

Cláudio Bier, o aço aumentou 115% no último ano. Embora não seja importado, o componente segue a cotação do mercado internacional.

Bier destaca que tudo que o Brasil exporta é nivelado pelo preço internacional, e 50% das nossas máquinas são vendidas para fora. Acrescenta que são as exportações que devem puxar as vendas neste ano. No primeiro semestre, a exportação de colheitadeiras superou em 55,7% os negócios de janeiro a junho de 2003. A venda de tratores para outros países, se comparados os mesmos períodos, foi 70,4% maior.

No ano passado, o litro do diesel custava menos de R\$ 1,40. Neste ano, a média é de R\$ 1,59, uma variação superior a 13%. O combustível representa 7% dos custos da lavoura de soja e 6,6% na cultura do milho. A mão-de-obra subiu mais de 10%, graças a acordos e coletivos para repor a inflação conforme o Índice Geral de Preços ao Mercado (IGPM) ou o Índice de Preços ao Consumidor (IPC). A ameaça da ferrugem asiática exige gasto maior com aplicações preventivas de fungicidas. Mix de juros, que chegam a 178% ao ano. Depreciação das máquinas.

TEXTO 2

Zero Hora, 8 de setembro de 2005

É preciso fazer teste de vigor e germinação

A liberação de sementes de soja transgênica não-certificadas para a safra 2005/2006, ainda dependente de um decreto a ser assinado pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva para que o produtor possa financiar o plantio, não encerra a polêmica. Mesmo em quantidade insuficiente para atender toda a área gaúcha a ser cultivada, as sementes certificadas têm o uso incentivado para a garantia da qualidade da safra.

Em razão da seca, o produto colhido este ano pelos agricultores - as chamadas sementes crioulas - corre o risco de não ter a qualidade esperada.

- A qualidade delas pode ter sido afetada pela estiagem, pode não ter força para emergir. O ideal seria que o agricultor comprasse semente certificada e reservasse pelo menos 15% de sua lavoura para ela - explica o gerente da Embrapa Transferência de Tecnologia, do escritório de negócios de Passo Fundo, Airton Lange.

Conforme Lange, caso o produtor decida cultivar com o que tem na propriedade, deve providenciar antes testes de vigor e germinação do material. Se o governo não liberasse as sementes caseiras, faltaria neste ano para o plantio financiado.

- É preciso organizar o sistema que se desmantelou. No passado, predominava a certificada, hoje representa só 5% - comenta Lange.

Certificadas cobririam apenas 15% do mercado. Apenas 15% do mercado poderá ser suprido com semente certificada na próxima safra, entre convencional e transgênica, de acordo com o presidente da Associação dos Produtores de Sementes, Mudanças e Comerciantes do Estado, Narciso Barizon Neto. O percentual pequeno se deve ao fato de o processo de produção de transgênicos ter sido permitido só no ano passado e à seca, que quebrou 72% da produção de soja no Estado. Barizon acredita que em 2007 será possível atender 100% da área.

- Esperamos que o agricultor entenda que a segurança dele está na compra de um produto legal, pelo menos de uma parte, para que ele possa reiniciar o processo da legalidade no Estado - diz.zon alega

que o temor agora com a liberação das caseiras é de que sobrem as certificadas.

Contra o agricultor, pesa o custo de comprar o produto. O quilo varia de R\$ 1,25 a R\$ 1,70.

- A semente transgênica que estava sendo usada pelos agricultores gaúchos foi criada para as condições climáticas e de sola da Argentina. Tudo indica que a desenvolvida pela pesquisa brasileira terá melhor potencial de produção - afirma o diretor técnico da Emater, Ricardo Schwarz.

TEXTO 3

Zero Hora, 14 de abril de 2015

ESPECIAL SOJA: Maré dourada que avança fortalecida no Rio Grande do Sul Reportagem especial do Campo e Lavoura destaca a colheita da supersafra do grão

Nas pequenas, médias e grandes propriedades rurais, a maré da soja avança pelo Rio Grande do Sul com força para movimentar R\$ 45,2 bilhões na economia neste ano. São 5,2 milhões de hectares cultivados em 412 municípios de todas as regiões, de Norte a Sul. O resultado é uma colheita recorde: quase 15 milhões de toneladas.

Na beira do asfalto, em áreas de coxilha e várzea, em solos arenosos e argilosos, nas pequenas, médias e grandes propriedades rurais. A maré da soja avança pelo Rio Grande do Sul com força para movimentar R\$ 45,2 bilhões na economia somente neste ano. São mais de 5 milhões de hectares cultivados em 412 municípios de todas as regiões, de Norte a Sul. Em uma safra beneficiada por chuva bem distribuída no verão, o resultado é a perspectiva de uma colheita recorde: quase 15 milhões de toneladas.

A nova supersafra de soja, que consolida o grão como principal motor do agronegócio, ganhou forma com o aumento da área cultivada no ciclo atual e diante do rendimento por hectare bem acima da média histórica. Lavouras que não tiveram problema com ferrugem asiática nem sofreram com falta de chuva no fim do ciclo alcançaram produtividade média superior a 70 sacas por hectare. No último recorde, no ano passado, o índice não passou de 45 sacas por hectare.

- Em muitas lavouras, a média colhida ficou acima da dos Estados Unidos. Com ajuda da tecnologia, é possível chegar a patamares ainda maiores – destaca Divânia de Lima, pesquisadora da Embrapa Soja.

Mais importante do que o rendimento é a lucratividade tirada das lavouras. Com o dólar quase 30% mais valorizado do que há seis meses, quando a safra foi semeada e os insumos, comprados, o produtor será beneficiado na hora de vender o grão, cujo preço é baseado na cotação da moeda americana.

– Mesmo com estoque gigante, a soja consegue se manter valorizada. A demanda pela commodity é muito grande e continuará crescendo puxada pelo aumento do consumo de carnes no mundo – projeta Carlos Cogo, consultor em agronegócio.

Rentabilidade é diferencial

A margem de lucro sobre o custo de produção nesta safra, de acordo com estudo da Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica, será de 35% – o equivalente a 18,6 sacas por hectare. A rentabilidade é muito superior à dos parceiros de verão milho, arroz e feijão, o que faz a oleaginosa ser a primeira opção de plantio dos agricultores.

E o resultado das lavouras não se restringe aos limites da porteira. O dinheiro da produção reflete na indústria e nos serviços, desde a compra de carros e imóveis até o consumo de roupas e alimentos. A soja ocupa hoje mais da metade da área destinada a grãos no Estado e responde por praticamente a metade do volume colhido nas lavouras gaúchas ao longo do ano.

Na Metade Sul, por décadas caracterizada pela produção pecuária, a oleaginosa superou nesta safra, pela primeira vez, a área plantada de arroz – ocupou mais de 1 milhão de hectares de várzea e campo nativo, segundo a Emater.

– Copiou-se o modelo de produção do Norte no Sul, e isso é temerário. O avanço não pode ser desordenado – alerta Alencar Rugeri, assistente técnico da Emater.

Histórias de pequenos, médios e grandes produtores mostram como a soja transformou propriedades com realidades distintas em negócios de sucesso, em que o uso da tecnologia não é ditado pelo tamanho da lavoura, mas pela profissionalização crescente da atividade.

Em áreas de 50, 500 ou mais de 7 mil hectares, agricultores desfazem mitos, quebram recordes e comprovam que o teto da produção agrícola e os lucros podem ir muito além. E, cada vez mais, embalados pela maré dourada da soja.

TEXTO 4

Zero Hora, 14 de abril de 2005

ESPECIAL SOJA: Família unida pela força do grão

Reportagem especial do Campo e Lavoura destaca a colheita da supersafra do grão

Rosemar Roesler, 50 anos, tem todos os três filhos a seu lado na lavoura em Boa Vista do Ingra, no noroeste do Estado. O mais jovem, Ricardo, 15 anos, estuda em um turno e, no outro, trabalha na propriedade, onde aprendeu a operar máquinas e equipamentos com a ajuda do irmão Renan, 23 anos. A filha mais velha, Rosana, 26 anos, cursa Farmácia em Cruz Alta e ajuda o marido Felipe Ludwig, 29 anos, que também trabalha com a família Roesler.

Com 500 hectares da oleaginosa cultivados em Boa Vista do Ingra, em parceria com um investidor, o agricultor colheu uma produção nunca antes vista:

– A média ficou acima de 70 sacas por hectare (no Estado, a estimativa é de 47,5). São Pedro foi muito bom para a agricultura.

Com investimento de R\$ 2,2 mil por hectare, o equivalente a 35 sacas de soja, Roesler vendeu 30% da safra antecipadamente, para garantir bons preços. Nos contratos fechados em 2014, o valor da saca variou de R\$ 63 a R\$ 67 – acima da cotação média divulgada pela Emater na semana passada, de R\$ 62,97.

A maior colheita da família, até então, tinha sido a de 2010/2011, quando o rendimento beirou 65 sacas por hectare. Mas o resultado recorde não é só fruto da generosidade de São Pedro.

Nos últimos cinco anos, a frota de colheitadeiras, tratores, plantadeiras e pulverizadores foi totalmente renovada por meio de financiamento agrícola. No mesmo período, o produtor passou a investir em agricultura de precisão, com análise das características do solo e controle da aplicação de fertilizantes e defensivos.

– Temos cuidado e capricho em tudo o que fazemos, desde a escolha da semente até o último minuto antes de colher – conta.

A produtividade alcançada neste ano nem de longe lembra as médias alcançadas há pouco mais de uma década, quando Roesler cultivava um terço da área atual. Na época, colher acima de 40 sacas por hectare era comemorado.

– Aliado às condições climáticas ideais para o desenvolvimento das lavouras, tem-se o sistema de plantio direto e altas aplicações de tecnologia, que vão do uso de variedades adaptadas localmente, acompanhamento da fertilidade do solo até o manejo de pragas e doenças – destaca Divânia de Lima, pesquisadora da Embrapa Soja que atua na área de transferência de tecnologia.

A cada ano, o potencial das lavouras aumenta com o lançamento de novas cultivares por institutos de pesquisa.

- Podemos chegar a patamares ainda maiores, mas isso vai depender da adoção de tecnologia, combinada com boas condições climáticas – diz a pesquisadora.